

## Tradução em período de pandemia: distanciamento de crianças surdas na escola e a literatura como linguagem viva

### *Translation for Brazilian sign language in times of pandemic: social distancing of deaf children from school and literature as a live language*

Neiva de Aquino Albres<sup>1</sup>

Michelle Duarte da Silva Schlemper<sup>2</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo com este artigo é evidenciar como uma proposta de tradução em tempos de pandemia que utiliza tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) pode contribuir para a necessidade social de uma minoria linguística por meio de textos verbovocovisuais, produzidos na esfera literária e digital. Baseadas em conceitos elaborados por Bakhtin e o Círculo, pretendemos também, por meio da análise dialógica do discurso, analisar um conjunto de vídeos multimodais, de forma a indicar critérios que favoreçam a compreensão das atitudes responsivas dos tradutores envolvidos. As discussões compiladas neste artigo indicam que os sujeitos tradutores acabam por contribuir com as atividades de leitura e produção textual, além de estimular a comunicação de crianças surdas em distanciamento social.

**Palavras-chave:** Tradução; Libras; Bakhtin; Discurso; Multissemioses.

**Abstract:** This study aims at showing how pandemic-time translation proposal that uses digital information and communication technologies (DICT) can contribute to the social needs of a linguistic minority through the verbivocovisual text, from the literary and digital spheres. Based on the concepts developed by Bakhtin and the Circle, we also intend, through the analysis of a dialogical analysis of some multimodal videos, to indicate criteria to encourage the understanding of translator's responsive attitudes. Discussions compiled in this article indicate that the translators and translation teachers stimulate the communication of deaf children in social distance.

**Keywords:** Translation; Libras; Bakhtin; Discourse; Multisemiotics.

## 1. Introdução

A educação de surdos organiza-se de diferentes formas no Brasil. Ela comporta desde a educação bilíngue em escolas específicas para surdos, escolas com classes bilíngues, até escolas inclusivas, onde o acesso à educação é realizado pela mediação de intérpretes educacionais (Libras-Português), formas estas previstas na política educacional nacional (BRASIL, 2005).

A pandemia causada pelo Novo Coronavírus - SARS-CoV-2 - trouxe como uma de suas consequências mais visíveis a implementação do distanciamento social, uma medida importante

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Centro de comunicação e expressão – CCE. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Departamento de Libras – DLSB. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>. E-mail: [neiva.albres@ufsc.br](mailto:neiva.albres@ufsc.br)

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Departamento de Libras – DLSB. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2863-8829>. E-mail: [michelle.schlemper@ufsc.br](mailto:michelle.schlemper@ufsc.br)

para a preservação da vida. Tal medida conseqüentemente trouxe consigo a necessidade de reformular as formas de se promover a educação, até então, ofertada em moldes presenciais. Nesse contexto, a Associação Nacional de Pesquisas do Brasil (ANPED) em parceria com diversas instituições internacionais tem promovido inúmeros eventos de conferências, palestras e mesas de debate em formato de *lives*, com interpretação simultânea e remota, no intuito de discutir as constantes mudanças que o isolamento social tem trazido para sociedade brasileira.

A fim de lidar com o isolamento social, a educação, de forma geral, organizou-se em modelos de ensino remoto, promovendo uma corrida pela apropriação e implantação de um conjunto de recursos tecnológicos, como equipamentos, *softwares* e plataformas, entre outras ferramentas. Percebe-se que, nesse processo, com relação aos alunos surdos incluídos nas classes regulares de ensino — cujo acesso à língua de sinais se dava por meio do uso de serviços de interpretação simultânea Libras-Português —, muitos destes ficaram sem qualquer recurso educacional em virtude das faltas de preparação e de acesso tecnológico presentes no país. Ou seja, um grupo vulnerável linguística e cognitivamente (visto que grande parte destas crianças ainda se encontra em processo de aquisição de linguagem) durante o isolamento social, por ficar com familiares que não sabem Libras, continua à margem do acesso à educação. Tal fato, além de ocasionar um atraso na aquisição de linguagem, traz consigo uma alienação com relação ao que se passa no Brasil e no mundo. No caso de crianças surdas, cujo contato com a língua de sinais se dava, principalmente, no espaço escolar (95% das mesmas provêm de famílias ouvintes que não usam a língua de sinais em casa), estas têm sido duplamente prejudicadas.

Uma vez que esse intercâmbio de informações e as interações em Libras precisam ser mantidos a fim de continuar subsidiando o desenvolvimento linguístico, cognitivo e afetivo das crianças surdas, a comunidade surda, envolvendo sujeitos tradutores surdos e ouvintes, tem buscado novas estratégias para a promoção e acesso destas crianças à língua de sinais.

Ao dar-se conta dos prejuízos que tal situação pode trazer para a minoria linguística surda, incluindo nesta as crianças, por suas fragilidades, Instituições de Ensino Superior, por meio da criação de projetos de extensão durante a pandemia de COVID-19, têm colocado em destaque o papel da tradução. Esta tem sido evidenciada na criação, divulgação e disponibilização de projetos, que visam à disseminação de informações em Libras a respeito de assuntos relacionados à pandemia. Assuntos que abarcam desde a prevenção, a legislação, tratamentos até a divulgação sobre a disseminação de casos no Brasil e no mundo. Assim, as traduções de informes presidenciais, ministeriais, sobre protocolos de retorno, de pronunciamentos de governadores e prefeitos, e *lives* relacionadas aos mais diversos assuntos referentes à vida em tempos de pandemia se tornaram comuns.

Diante dos fatos acima explanados e por entender a fragilidade linguística e social das crianças surdas em fase de aquisição de linguagem, questionamos: quais iniciativas institucionais relacionadas à tradução e literatura têm sido criadas para dar a elas suporte durante o período de isolamento social? Assim, este artigo pretende, primeiramente, abordar a questão da linguagem e o conceito de dialogia pela perspectiva enunciativo-discursiva (Bakhtin e o Círculo) e, em seguida, apresentar construtos teórico-analíticos, para então apresentar o contexto, a metodologia de pesquisa e, finalmente, passar à análise.

## 2. Linguagem, literatura e relações dialógicas

Neste artigo, assim como Brait (2004), pretendemos, a partir da análise realizada, evidenciar algumas singularidades presentes no pensamento bakhtiniano a respeito do dialogismo, refletindo assim sobre “o enfrentamento de discursos que atravessam nosso cotidiano e, sem pedir licença, interferem em nossa identidade” (BRAIT, 2004, p. 8).

A linguagem aqui é percebida como um conjunto de relações dialógicas, a partir da constituição pessoal compreendida pelas múltiplas semioses que envolvem tanto o sujeito quanto a língua de forma indissociável. Desta forma, é inconcebível tratar de língua sem a presença de um ou mais sujeitos singulares, cujo envolvimento se encontre arraigado em contextos particulares de um determinado período social, histórico e político específico.

Apoiamo-nos na perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e nos estudos de Pino (2001) sobre o processo de aquisição da linguagem e mediação semiótica. Na compreensão dos autores, “falar em mediação semiótica equivale a falar em mediação social, uma vez que tanto os meios técnicos quanto os semióticos, como a palavra<sup>3</sup>, são de origem social. Isso afasta qualquer suspeita do idealismo nessa concepção” (PINO, 2001, p. 40).

Desse modo, supõe-se que nos constituímos pela linguagem na relação com os outros, pela mediação dos signos e dos sujeitos que fazem uso desses signos. De acordo com Schlemper (2016), cabe ao adulto propiciar às crianças o acesso ao conhecimento de mundo, sendo que isso pode ser feito constantemente por meio da literatura. Ao aproximar as crianças surdas de falantes competentes de Libras, assim como por meio do contato com literatura produzida ou traduzida em vídeos em Libras, possibilita-se a elas uma experiência literária mais significativa,

---

<sup>3</sup> Palavra é empregada nessa citação como o signo ideológico. O signo ideológico, conforme Volóchinov (2017) mesmo que em plano verbal tem relação direta com o plano não verbal da linguagem. O autor afirma que a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico, incluindo os atos de natureza sonora, gestual e, para o que nos interessa aqui mais de perto, os de natureza imagética.

enquanto se proporciona acesso à informação, cultura, desenvolvimento sinalar, conhecimento de mundo, etc. De acordo com Brait, “O cotidiano do homem é entrecortado por discursos, isto é, formas de dizer e conceber o mundo que podem estar expostas, visíveis, mas que também circulam e atuam sem que os envolvidos se deem conta” (BRAIT, 2004, p. 3).

Já foi inventariado nos campos dos estudos da linguagem um conjunto significativo de obras, geralmente, resultante de leituras realizadas sobre as múltiplas semioses (ROJO, 2007, 2009; GRILLO, 2012; BRAIT, 2013). No entanto, para este artigo, o que nos interessa é refletir sobre o papel dialógico da linguagem, quando esta se encontra envolta pela literatura. Procuramos perceber a língua de sinais sob condições empíricas e concretas. Nesse sentido, implica abandonarmos a concepção de língua como sistema acabado e teórico, a fim de lançar-se para a compreensão do seu funcionamento, e, sobretudo, às diferentes formas de comunicação ideológica e afetivas. Dito de outro modo, nos desprendemos da discussão de análise linguística com sua divisão em níveis analíticos, e colocamo-nos no campo da análise dialógica da linguagem em que a língua(gem) materializada em enunciados verbocovisuais<sup>4</sup> somente pode ser compreendida quando situada em um domínio histórico, social e ideológico. Corroboramos assim com Pavanelli-Zubler *et al.*, quando afirmam que “a linguagem é um produto vivo, resultante da interação social, das condições históricas e materiais de cada tempo. A linguagem viva corporifica-se por meio do discurso e tem como uma de suas propriedades mais marcantes o fato de ser dialógica” (PAVANELLI-ZUBLER, *et al.*, 2014, p. 213).

Nessa perspectiva, a língua(gem) é fundamentalmente dialógica, não podendo ser entendida como um produto acabado, fora do fluxo da interação discursiva ou da linguagem em uso. Ela é um contínuo processo de construção de sentidos na corrente comunicativa. A enunciação, por sua vez, é parte de um diálogo, amplamente articulado com vivências que a antecederam e sempre maior que o presenciado por seus interlocutores.

Assim, a compreensão integral de qualquer discurso pressupõe assumir que todo enunciado é resposta a outro enunciado e a todos que o sucederam. Não existindo nenhuma fala nova, mesmo considerando a singularidade de todas elas. Destarte, vamos ao encontro ao que apregoa Brait (2006), de que a compreensão bakhtiniana da linguagem, ao refletir sobre os aspectos extralinguísticos interligados na mesma, aponta para cenários mais amplos. Dessa forma, seguindo um pensamento assentado na ética da responsabilidade e da alteridade

---

<sup>4</sup> O estudo de discursos verbocovisuais compreende discursos constituídos por elementos verbais, vocais e visuais em um todo arquitetônico, como, por exemplo, produções midiáticas, caso dos vídeos de literatura em Libras.

(BAKHTIN, 2010), tais considerações nos levam a focar nas relações intersubjetivas, nos discursos sociais e polifônicos da linguagem.

Semelhantemente, os discursos em Libras que circulam na comunidade surda, estando arraigados em determinado tempo sócio-histórico, veiculam concepções de linguagem, ideologias linguísticas e lutas sociais. Um jogo de vozes sociais que repercute polifonicamente na enunciação e em seu significado, o qual também é elucidado e construído socialmente (VOLÓCHINOV, 2017).

Como dito anteriormente, a fim de minimizar os prejuízos linguísticos e sociais que o distanciamento social causado em virtude da pandemia de COVID-19 traria à comunidade surda, foram criados diversos projetos institucionais que promovem por meio da tradução o acesso à informação ao povo surdo. Informação essa que é, muitas vezes, envolta em invólucros literários e intersemióticos, a fim de cativar determinados públicos, como no caso das crianças surdas.

Considerando que a palavra é sempre inacabada e dependente de seus interlocutores, tais projetos carregam em si uma força, uma potência transformadora para esse tempo de constantes vicissitudes. Mesmo que um texto escrito ou um vídeo produzido possam ser considerados estáticos, eles ganham vida no processo de leitura, onde por meio da interpretação individual é vivida a dialética da linguagem com a contrapalavra<sup>5</sup> do interlocutor.

O diferencial relativo a esta investigação se encontra na reflexão sobre a produção de traduções intersemióticas em um momento muito particular: o período de distanciamento social causado pela pandemia do Novo Coronavírus. Uma nova realidade que tem fomentado a tradução ou a produção de materiais em Libras, impulsionando ações que vão de encontro à política de acessibilidade brasileira (BRASIL, 2015).

Falamos em traduções intersemióticas ao relacionar que as traduções em Libras envolvem não somente as diferentes modalidades de língua, oral-auditiva e gesto-visual, mas o corpo do ator/tradutor e as diversas linguagens que adentram nas produções midiáticas (SEGALA, 2012; SCHLEMPER, 2016).

---

<sup>5</sup> Contrapalavra é a essência do processo de interação, é minha resposta como interlocutor que responde ativamente num processo de ressignificação da palavra do outro. “Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (Bakhtin/Volochinov, 1999, pp. 131-2). Não necessariamente a contrapalavra opera na oposição, embora a própria oposição seja significativa na produção do saber que se manifesta numa relação dialética com o outro. Ainda que seja uma complementação, as palavras do outro dirigidas a um “eu” pedem acolhimento e (re)significação. É nessa relação enunciativa que eu e outro se complementam. Ultimamente, tem havido considerável reexame de seu processo de pensamento, enfatizando as nuances especiais de seus trabalhos e refinando a terminologia associada ao auto. Assim, contrapalavra tem sido usada por antipalavra.

Esperamos, com este estudo, preencher uma lacuna ainda existente na área de estudos da tradução brasileira, uma vez que consideramos que as discussões sobre a tradução ainda se encontram restritas na descrição dos problemas de tradução, sejam eles por procedimentos técnicos ou na avaliação das mesmas.

Entendemos que a análise dialógica do discurso, doravante ADD, pode corroborar para o entendimento da constituição desses sujeitos tradutores enquanto falantes de Libras e sujeitos ativos e participativos de uma comunidade. A partir de uma concepção discursiva de linguagem, nossa intenção é articular uma perspectiva teórica com a diversidade de questões que emergem das práticas tradutórias, de modo a propiciar uma discussão sobre as iniciativas políticas de tradutores surdos e ouvintes, de propiciar a circulação da Libras por meios midiáticos também para o público surdo infantil durante o período de distanciamento social.

### 3. Contexto da pesquisa e metodologia

Esta pesquisa segue o entorno das pesquisas qualitativas que tomam os fenômenos sociais como objeto de estudo. Pode ser considerada de cunho dialógico, uma vez que se encontra no campo de estudos que entende que “fazer ciência é construir significados cuja validade se calcula no interior do horizonte teórico que engendra a pesquisa” (ROHLING, 2014, p.58).

As comunidades surdas, assim como as demais, têm se apropriado das novas tecnologias da informação e comunicação, e adentrado efetivamente nas redes sociais e virtuais (SILVEIRA, 2010; PINHEIRO, 2011; KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN; 2011). Desde o *Orkut*, *Facebook*, *Youtube*, a grupos de *WhatsApp*, *Twitter*, *Chats* e *Instagram*, as redes sociais têm propiciado um espaço rico de visualidade. Visualidade que materializa a linguagem em suas diferentes formas discursivas, permitindo que os interlocutores encontrem maneiras diferentes de interagir e se expressar (PAVANELLI-ZUBLER *et al*, 2014). Com o uso das redes sociais, a distância física deixa de ser sinônimo de isolamento e falta de comunicação, principalmente, pela possibilidade de uso efetivo da língua de sinais por meio de postagem de vídeos e interações remotas (SILVEIRA, 2010).

É neste cenário social que nos colocamos como pesquisadoras. A vida real, com suas contradições e distinções sociais, engendra um cenário maior, o do distanciamento social causado em virtude dessa pandemia. Distanciamento este que fez com que as comunidades surdas viessem a intensificar sua participação nas diversas redes sociais, em busca de informações sobre o Novo Coronavírus, sua disseminação e consequências, até porque os telejornais brasileiros, em sua maioria, não se encontram acessíveis em Libras.

Quando confrontadas com a permanente instabilidade da quarentena provocada pela COVID-19, instabilidade no que diz respeito a não se saber quando ou como ela vai terminar, nós decidimos estudar os modos como as instituições educativas têm procurado dar apoio às mães, pais, cuidadores/as, alunos, gestores e professores de surdos.

Nessa direção, nos organizamos, em primeiro lugar, para levantar produções de projetos de extensão e produções individuais de tradutores de Libras/Português criadas durante a pandemia. A partir de então, optamos por delimitar para sites institucionais das universidades que ofertam cursos de Tradução e Interpretação de Libras/Português, como nosso campo de pesquisa.

Iniciamos pela análise e leitura de diversos projetos midiáticos disponíveis gratuitamente na rede, que tratavam do tema, como Central Libras/Coronavírus, UFSCacessível e #CasaLibras. Optamos por desenvolver uma análise dialógica do discurso a partir do projeto #CasaLibras, intitulado no sistema de registros de projetos de extensão da UFSCar como “Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do “Coronavírus” – COVID-19: [Contação de Histórias Infantis]”. Esse projeto é coordenado pelos docentes: Vanessa Regina de Oliveira Martins e Guilherme Nichols<sup>6</sup>.

O corpo de conhecimentos constitutivos de uma análise dialógica do discurso advém necessariamente de “arquivos”, de corpus, de conjuntos de textos, e não tem como meta a análise de um texto, de um trecho ou de uma sequência (embora possa fazê-lo). A análise das partes está sempre a serviço de um todo, a teoria a serviço da reflexão sobre a linguagem, sobre os discursos, sobre o homem e seu estar no mundo, e nunca em função do esartejamento anatômico de um corpus, conforme as normas de um manual de instruções. (BRAIT, 2004, p. 6-7)

Do projeto com produções midiáticas publicadas, selecionamos para a análise deste artigo o primeiro vídeo publicado no início da quarentena, cujo título de forma chamativa e retórica questiona: **Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus?** Inicialmente, a seção de análise perpassa por ideias gerais de direitos linguísticos e de políticas de tradução, a fim de possibilitar a reflexão sobre a educação de surdos nesse momento sócio-histórico. Em seguida, o foco recai sobre a questão de movimentos sociais e alteridade na tradução, considerando as

---

<sup>6</sup> Trabalhamos com dados públicos, por estarem disponíveis sem restrição em um site institucional de universidade pública. Contudo, para apresentar os nomes verdadeiros dos sujeitos, solicitamos autorização aos coordenadores do projeto, que concordaram em citarmos os participantes nominalmente. Essa premissa perpassa pela concepção teórico-metodológica que adotamos, em que os enunciados são situados, concretos e têm identidade. Salientamos que todos os dados foram gerados no ano de 2020. Mais informações no site: <http://www.tilsp.ufscar.br/index.html>.

dificuldades e possibilidades que o momento pandêmico criou, como também a análise discursiva do projeto proposto como fenômeno social situado ideológica e historicamente em um período ímpar da história. Nessa visão epistemológica, não há categorias de análise a priori, elas emergem das relativas regularidades dos fenômenos sociais observados e apreendidos durante a realização da pesquisa (BRAIT, 2016).

#### 4. A tradução como um projeto discursivo inacabado

A sociedade em que vivemos foi construída historicamente por um sistema econômico e político excludente, que pela política neoliberal minimiza a ação do Estado e valoriza a produção individual. Nessa conjuntura, a vida humana sofre discriminações quando apresenta diferenças, sejam elas econômicas, sociais, raciais, de gênero, etc., sendo necessárias intervenções para minimizar tais diferenças, como mencionado na Declaração Universal dos Direitos Humanos - DUDH (ONU, 1948).

No combate a estas e outras diferenças, encontramos grandes movimentos de resistência e de luta por direitos linguísticos e por políticas de tradução (SANTOS; FRANCISCO, 2018; SANTOS; POLTRONIERI-GESSNER, 2019; ALBRES, 2020). No Brasil, há um conjunto de políticas públicas voltadas para as comunidades surdas falantes de Libras. Para Lins *et al.* (2016, p. 9), “estabelecida a política linguística, instaura-se um planejamento linguístico que objetiva implementá-la. Em geral, um planejamento linguístico é dirigido por decisões políticas [...]”. Contudo, esse momento pandêmico inusitado fez com que as desigualdades de acesso à informação e aos bens culturais sejam mais evidentes.

Neste artigo, o foco são os estudos de língua(gem), para os quais o pensamento bakhtiniano tem inspirado o que se tem chamado de *Análise Dialógica do Discurso (ADD)*. Reconhecemos a necessidade da compreensão dessa língua(gem) em “recorte” pertencente a um espectro mais amplo e em diálogo com outros contextos, sujeitos e língua(gens).

Várias instituições públicas têm se empenhado em produzir conhecimento em Libras e tornar, por meio de traduções, materiais acessíveis ao público surdo durante a pandemia. Muitos destes, procurando respeitar os direitos linguísticos da comunidade surda, produzem materiais verbocovisuais que promovem o direito à informação. Contudo, percebe-se ainda que apenas um pequeno número destas produções se destina às crianças surdas.

Como dito anteriormente, selecionamos para nossa análise um dos projetos de extensão da UFSCar, criado especificamente para a pandemia. Na página do curso de Tradução e

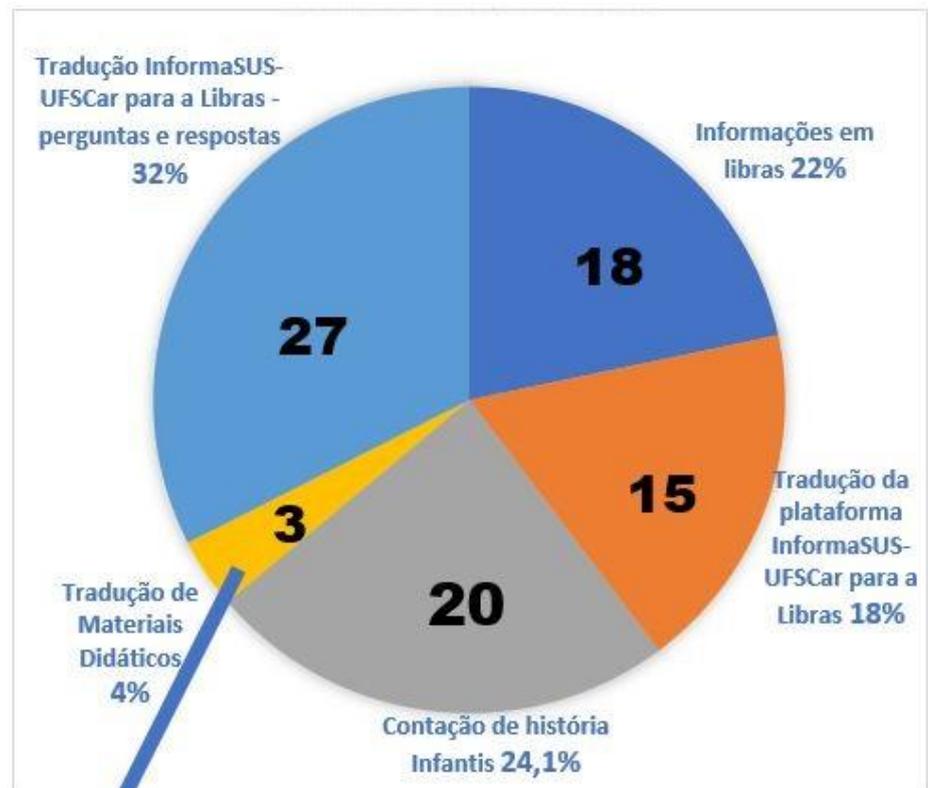
Interpretação de Libras da UFSCar<sup>7</sup> pode ser encontrada uma série de vídeos que pertencem a projetos de extensão diversos. Seguindo a ordem do *site*, apresentamos a lista de projetos:

- 1) Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" – COVID-19: [Contação de Histórias Infantis]. 20 vídeos;
- 2) Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" – COVID-19: [Tradução de Materiais Didáticos]. 03 vídeos;
- 3) Informações em Libras à comunidade surda na pandemia do COVID-19. 18 vídeos;
- 4) Tradução da plataforma InformaSUS-UFSCar para a Libras: acessibilidade e direitos linguísticos para surdos em tempos de Covid-19 [Parceria InformaSUS, LABI UFSCar e Latravis]. 15 vídeos; e
- 5) Tradução da plataforma InformaSUS-UFSCar para a Libras: acessibilidade e direitos linguísticos para surdos em tempos de Covid-19 [Série COVID-19 - Perguntas e Respostas - Parceria InformaSUS, LABI UFSCar e Latravis]. 27 vídeos.

---

<sup>7</sup> Projeto Proex: Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" – COVID-19 - do curso Tilsp Ufscar. Disponível em: [http://www.tilsp.ufscar.br/galeria\\_videos\\_tilsp.html](http://www.tilsp.ufscar.br/galeria_videos_tilsp.html) ou no Canal do Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UC3FPqGdu7CfCM9kvIHH-mWQ>

Gráfico 1: Produções em vídeo



Fonte: Produzido pelas autoras

Figura 1: Vídeo selecionado



Fonte: Produzido pelas autoras com base no vídeo “Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus?” (Disponível em: <https://youtu.be/1D92Bh--Smk>. Acesso em: 05 jul. 2020)

Quadro 1: Ilustração da página TILPS com materiais destinados às crianças

The image shows a screenshot of the TILPS website. The page features a header with the TILPS logo and navigation menus. Below the header, there are sections for 'Vídeos produzidos por nossa equipe:' and 'Projeto Proex: Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" - COVID-19: [Tradução de Histórias Infantis]'. A grid of video thumbnails is displayed, with one video titled 'Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus? - Libras' circled in red. To the right of the grid, a red-bordered box contains the following text:

Para a análise, selecionamos um vídeo destinado ao público infantil surdo, do projeto Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" - COVID-19: [Tradução de Materiais Didáticos]. A saber, o vídeo: "Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus? - Libras".

Fonte: Produzido pelas autoras

O vídeo **Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus?** foi uma das primeiras produções verbovisuais publicadas no canal Audiovisual TILSP, no início da Pandemia,

direcionado ao público infantil. O conteúdo discursivo produzido em Libras traz consigo, entre outros elementos, a tradução de Libras para o Português falado, direcionando-se também para o público ouvinte. Dessa forma, as crianças surdas podem assistir ao vídeo junto com seus familiares e amigos que não sabem Libras. O vídeo também faz uso de recursos visuais (*design*, ilustrações, escrita, cores, formas e tamanhos) de forma a tornar o conteúdo discursivo mais atrativo.

O vídeo inicia chamando a atenção pelo Título: **Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus? – Libras**. O mesmo tem a duração de 5 minutos e 5 segundos, e é traduzido para a linguagem infantil pelo professor Guilherme Nichols. O autor/tradutor surdo conversa diretamente com a câmera, fazendo perguntas e respondendo. Seu olhar é direcionado ao espectador, criança surda, que assim se entende como participante desta interação. Algumas vezes, o autor/tradutor encena e incorpora a criança, ou seja, personifica o sentimento dela de desconhecimento sobre o que está acontecendo.

Figura 2: Ficar em casa



#### Excerto 1: Ficar em casa

*Ei, ei ... ei. Você é surdo? Você é surdo!. Eu também sou surdo. Vem cá! Você sabe por que que as escolas estão fechadas? Por quê?! Eu estou com tanta saudade de ir para a escola. Ei...seu pai e sua mãe já te explicaram sobre o por que as escolas estão fechadas? Você sabe sobre isso? Não!? não sabe? Ai, ai, ai ... Calma, calma, eu vou explicar um pouquinho sobre isso, porque eu também sou surdo. E eu tenho visto que escolas estão fechadas, que os trabalhos não estão funcionando, a gente tem orientação para **ficar em casa**, só em casa!. E por que que a gente está vivendo isso, só em casa! O que que está acontecendo? Você sabe? E você? E você, sabe? sabe? Não, não sabe? Quanta gente não sabe. Nossa ![...] (00-58 segundos - grifo nosso)*

Fonte: <https://youtu.be/1D92Bh--Smk>. Acesso em: 05 jul. 2020.

Por duas vezes, o ator/tradutor diz “Eu também sou surdo”, no início do vídeo. Tal afirmação vai ao encontro à pergunta se quem assiste ao vídeo é surdo. Ao repetir a condição de ser surdo, o ator/tradutor se faz interessante para quem o vídeo se destina, uma vez que destaca a condição de pertencimento, de igualdade, inclusive com recursos expressivos de incorporação e encenação. Percebe-se, assim, formas estéticas e discursivas próprias da cultura surda, que atuam como um chamamento pelo estilo do discurso empregado para prender a atenção da criança surda.

Do excerto 1, quando da expressão “ficar em casa”, em sinais (figura 2), o autor coloca-se dentro da casa, com o telhado sobre sua cabeça e com expressão facial indicando

aborrecimento. Dessa forma, coloca-se no lugar da criança entediada por não poder ir para escola, parque ou brincar com os amigos. Este colocar-se no lugar do outro, procurar expressar o que o outro sente, só é possível por meio da experiência vivida, conhecida e reconhecida no tempo pelo ator/tradutor. Tal ação, expressada por meio do discurso verbo-visual, permite que o interlocutor, a criança surda, se veja e reconheça na fala de quem lhe fala.

Pode-se observar, com base nas questões acima postas, que a orientação da palavra, para Volóchinov (2017), é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que é dirigida a alguém, situado em um determinado contexto histórico e social.

O sujeito enunciativo desta análise é surdo, professor de Libras e formador de tradutores e intérpretes de Libras na UFSCar, que por muitos anos atuou na educação básica com crianças surdas, envolvido com literatura surda tanto em seu mestrado quanto em projetos de prática pedagógica. Sua condição singular o motivou a produzir, nesse período de distanciamento social, um projeto de literatura para crianças surdas, a se dirigir diretamente a elas e enfatizar a sua condição como igual. A condição de ser surdo, e de por esta razão não estar sabendo sobre tudo o que vem acontecendo no mundo, do por que não poder sair de casa e não ir à escola (aulas) no ano de 2020.

O vídeo, uma produção intersemiótica, carregada de elementos verbocovisuais, serve tanto às crianças surdas, quanto a amigos, colegas, irmãos, familiares e responsáveis que assistem junto, que sabem ou não Libras. Destaca-se que a produção já inicia chamando a atenção pelo Título: **Já falou com suas crianças sobre o novo Coronavírus? – Libras**. Este chamamento vai ao encontro do adulto que busca informações sobre a pandemia na *internet*. Ele confronta o leitor adulto que ainda não explicou a seu filho sobre o que está acontecendo. Nesse sentido, o vídeo se direciona aos responsáveis. No entanto, ao abrir o vídeo, esse interlocutor é surpreendido, pois a direção do olhar e da fala do sujeito ator/tradutor é dirigida à criança.

No decorrer do vídeo, o ator/tradutor passa a fazer, em Libras, algumas explicações sobre o vírus e orientações quanto à prevenção da doença por ele causada. O interlocutor esperado corresponde às crianças surdas, uma vez que a fala em Libras do enunciativo e sua tradução para a Língua portuguesa mantém uma linguagem própria para crianças. Da mesma forma são incorporados à edição de vídeo gravuras e textos a fim de tornar a leitura visual mais interessante e interativa para o pequeno leitor.

A experiência do enunciativo como professor de crianças surdas em escolas bilíngues e inclusivas possibilita que ele se direcione para a câmera idealizando esse interlocutor, um sujeito outro desprovido de atenção linguística e escolar nesse momento. Este outro imaginado,

esperado, idealizado pelo enunciador, no entanto, pode estar em um espaço disperso, no passado, no presente, na memória do mesmo, ou ainda constituir-se em um interlocutor empírico, sendo esta última condição fundida às demais.

Excerto 2: Imagem de objetos e do vírus

Figura 3: Microscópio



Figura 4: Vírus



Fonte: <https://youtu.be/1D92Bh--Smk>. Acesso em: 05 jul. 2020.

Podem-se observar efeitos intersemióticos e verbocovisuais por meio da composição do corpo do enunciador que se expressa em Libras simultaneamente à apresentação da ilustração de objetos cujo conceito ele explica, assim como também a escrita em Português e a tradução para o Português oral, de forma que uma voz é sobreposta à sinalização e a acompanha por todo o vídeo.

Novamente, o direcionamento à criança surda pode ser observado pelo tipo de ilustrações selecionadas para compor um projeto discursivo multimodal. Visto que nas figuras 5, 6 e 7, do excerto 3, as gravuras das pessoas desenvolvendo as atividades de prevenção de lavar as mãos, ficar em casa e passar álcool em gel, são representadas por duas crianças, um menino negro e uma menina branca, onde fica demonstrado também, na escolha das imagens, a busca pela representação da diversidade racial.

Excerto 3: Ilustrações infantis

Figura 5: Lavar as mãos



Figura 6: Ficar em casa



Figura 7: Álcool Gel



Figura 8: Fim do Coronavírus



Fonte: Produzido pelas autoras

O enunciado, nesse caso o vídeo, compreende um gênero discursivo classificado pelos idealizadores do projeto como “material didático”, o qual envolve instruções e orientações sobre o Coronavírus. Cada esfera da comunicação humana tem uma finalidade comunicativa, ou seja, há um “intuito discursivo” um “querer-dizer” (BAKHTIN, 2000) que influencia os modos de organização dessa enunciação. Nesse projeto discursivo, foram realizadas escolhas linguísticas tanto em Libras quanto em Língua portuguesa oral e escrita. Da mesma forma foram realizadas escolhas das ilustrações, cores, disposição das imagens, transições, música, luz, efeitos de passagem e do corpo do ator/tradutor, a fim de compor um emaranhado de linguagens verbais e não verbais na composição de um único projeto discursivo. A tradução intersemiótica compreende todos esses elementos, numa dança de línguas e linguagens que reescrevem uma nova história para um novo leitor.

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se cambiam e estruturam um

grande mosaico multissemiótico (DIONISIO; VASCONCELOS, 2013, p. 19 apud PAVANELLI-ZUBLER *et al.*, 2014, p. 222).

É imprescindível observar que esse enunciado ficará disponível em um *site* de forma permanente, à disposição de diferentes interlocutores. Tal fato faz com que, assim como acontece com os livros traduzidos da forma convencional, possa haver modificações com relação às intenções comunicativas, ou seja, mesmo sendo construído para um interlocutor presumido, o vídeo pode ser experienciado em diferentes espaços-tempo. Perceber a dinamicidade que a produção midiática comporta também influencia no projeto discursivo, assim como o fato dela comportar diferentes linguagens verbais e não verbais, materializadas em um único projeto por meio das novas tecnologias. Nessa pluralidade de signos, há uma imersão de discursos que se cruzam e que constituem subjetivamente tanto locutor quanto interlocutor. Discursos que, inseridos no contexto global, muitas vezes produzem efeitos de sentidos instantâneos e situados no momento da interação verbal e visual.

Além desse vídeo analisado, o projeto divulgado na rede sob o nome #CasaLibras, criou diversos outros, entre eles um chamamento para a comunidade surda, composta por ouvintes e surdos, sejam estes profissionais que trabalham com Libras, professores, tradutores-intérpretes, familiares de surdos e as próprias crianças surdas, para que participem do projeto.

Figura 9: Três passos para enviar seu vídeo!



3 passos para enviar seu vídeo em Libras e participar do projeto #CasaLibras

Um dos vídeos de chamamento cujo título é “3 passos para enviar seu vídeo em Libras e participar do projeto #CasaLibras” foi apresentado também por Guilherme Nichols. Neste de forma didática, ele convida a comunidade surda a participar do projeto, explicando quais passos os voluntários devem seguir para gravar e enviar seus vídeos para o projeto #CasaLibras.

Fonte: <https://youtu.be/-15M8RdYFjs>. Acesso em: 05 jul. 2020.

As instruções de Guilherme Nichols sobre os modos de gravar e editar o vídeo indicam não somente um caráter pessoal, ou seja, pelo modo direto de se expressar em Libras, mas também tratam da corporificação do sujeito contador e tradutor, do seu corpo como objeto linguístico compondo todo o projeto verbocovisual e se articula com o princípio de que “[...] é no diálogo, por um lado, do pesquisador e sua teoria com, por outro, seu objeto falante que está o fundamento epistemológico da teoria de Bakhtin e seu Círculo” (GRILLO, 2012, p. 237).

Por essa razão, enfatizamos o labor estético tanto dos idealizadores do projeto quanto dos autores/tradutores, contadores e voluntários que enviaram seus vídeos para publicação.

Figura 10: Roda de Conversa III



Os tradutores relataram suas experiências em uma Roda de conversa promovida pela UFSCar em 09/07/2020, sob o título “Roda de Conversa III: Equipe #CasaLibras: Criação, Ação e Repercussão. Disseminando a Libras para as crianças surdas em tempo de pandemia”

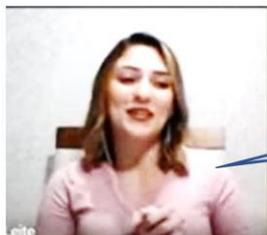
Fonte: <https://youtu.be/Um2yUMJW8kc>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Muito oportuno foi assistir a *live* e apreender os discursos dos sujeitos que têm vivenciado o projeto, sejam eles os idealizadores, professores, TILSP, alunos e funcionários técnicos da universidade. A partir dos discursos, foi possível perceber como um projeto de tradução pode transcender o seu destinatário potencial (crianças surdas), vindo a atingir também a todos os envolvidos.

Em um processo dialógico, os discursos embebidos nos usos da linguagem verbal e visual vão constituindo os sujeitos, e nesse ínterim passam de objetos de trabalho a objetos de aprendizagem, de constituição pessoal e afetiva. Na construção do projeto se estreitaram laços e se fortaleceram concepções de mentoria dos TILS profissionais da UFSCar para com os alunos do curso TILS, enquanto paralelamente o lugar do professor surdo como referência linguística, ética e estética, foi sendo firmado no grupo.

Diante do restrito espaço do artigo, selecionamos alguns excertos dos depoimentos extraídos da *live* e de redes sociais, discursos que reverberam as experiências vividas.

#### Excerto 4: Formação em casa



*O projeto só tem somado na minha formação, na minha formativa. Estou em casa e se não tivesse o projeto e essa oportunidade de estar em contato com a língua, talvez eu tivesse esquecido. Além da oportunidade de conhecer a língua de outras regiões, isso é muito enriquecedor...porque precisamos ler, estudar. Além, eu estou tendo oportunidade de ter contato com esses intérpretes incríveis, também o Anderson... tendo os professores surdos como referências, mas também os intérpretes. [...]  
Na formação no curso TILSP a gente não tem muita formação da Libras para o português. Esse projeto #CasaLibras foi uma ótima oportunidade para poder praticar.*

Figura 11: Depoimento da aluna Eloá na Roda de conversa III

Fonte: <https://youtu.be/Um2yUMJW8kc>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Aluna do curso, Eloá relata sua experiência e evidencia o processo de construção coletiva e colaborativa como uma oportunidade especial viável para esse momento na sua formação (figura 11).

O enunciado abstraído de sua enunciação perde os laços que o ligam à vida: palavra morta que somente recebe novo sopro vivificador quando reintroduzido em novo processo de enunciação. Os sulcos abertos no ar pela palavra enunciada não levam aos ouvidos sentidos prontos e acabados: levam impulsos à compreensão participativa que engloba mais do que a mera remessa a objetos e a fatos. Há vida na voz que fala; há vida no ouvido que escuta. Nos sulcos lineares traçados pelas letras das palavras escritas, produtos de enunciações, os olhos do leitor não enxergam letras alinhadas, objetos referidos, histórias contadas, mas julgamentos de valor, inusitadas metáforas que escondem ou desvestem crenças consolidadas, um por-vir a ser realizado. (GERALDI, 2010, p. 86)

Excerto 5: Coisas boas acontecem o tempo todo



*Nunca imaginei viver um semestre tão louco na UFSCar, apesar de todo o contexto negativo, coisas boas acontecem o tempo todo. Os projetos de extensão se mantiveram em funcionamento e eu pude participar de 2, mas 1 em especial fez a quarentena ter beleza, cores, alegria, carinho nesse período tão difícil. Descobri outros talentos nas pessoas que eu já gostava e isso foi um calorzinho no coração. O projeto #CasaLibras propõe contar histórias em libras para as crianças surdas que estão em isolamento sem contato com outros surdos e com sua própria língua, ideia maravilhosa da Vanessa Martins e do Guilherme Nichols e que a honestidade deles uniu um grupo de trabalho igualmente verdadeiro. Obrigada Vanessa Martins, Guilherme, Anne Iriarte, Regina Torres, Rodrigo Vecchio Fornari, Thayna Proença, Tati Cristina, Eloa e Jéssica pela companhia praticamente diária nos últimos 4 meses. Vocês me fazem sorrir.*

Figura 12: Depoimento da aluna Lis Máximo em sua rede social

Fonte: <https://youtu.be/Um2yUMJW8kc>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Assim como a colega Eloá, Lis expõe suas impressões sobre o projeto de extensão e os sentidos construídos com essa experiência (figura 12). Procuramos ilustrar com esses dois enunciados concretos como a participação em um projeto dessa envergadura pode gerar vínculos na vida dos sujeitos de carne e osso e sentimentos. Vínculos deles com o projeto e vínculos entre os sujeitos que dele participam.

Até aqui, apresentamos como o projeto discursivo de um vídeo de orientação sobre coronavírus voltado para crianças surdas torna-se uma construção pela/com/na palavra do outro. Por conseguinte, em uma relação dialógica imprevisível toca diferentes interlocutores de maneiras distintas. Vanessa Martins, idealizadora do projeto, também comenta que escolas e professores de todo o Brasil têm entrado em contato a fim de buscar materiais para trabalhar com crianças surdas nesse período de pandemia, assim como compartilhado relatos de experiências de uso dos materiais até então produzidos. Sabe-se da importância da literatura para a vida das crianças, mas, neste contexto, quando se observa o número de visualizações de cada vídeo no *Youtube*, é possível ter uma noção da sua abrangência. “Cada valor que apresente validade geral se torna realmente válido somente em um contexto singular”, como afirma Bakhtin (2010, p. 90). Assim, cada criança surda atingida, seja pelo acesso ao vídeo, pela interação com seus familiares por meio dos vídeos, ou pela intermediação de seus professores torna válido o projeto empreendido pelos autores/tradutores.

Nesse cronotopo<sup>8</sup> vivido em período pandêmico, temos enunciações concretas em que a tradução transcende qualquer definição que a amarre às línguas. Apesar de o projeto envolver a tradução, ela se faz em diferentes direcionalidades e por meio de distintas semioses. Podemos dizer que ocorre uma tradução do livro para a contação de histórias, onde além da diferença de modalidade linguística, da escrita (gênero narrativo) para a interação face a face (gênero narrativo), também ocorre a tradução da Libras para o Português falado (contando as histórias) de forma a poder ser acessível também para as crianças ouvintes.

## 5. Considerações finais

Neste trabalho, evidenciamos a concretização de um projeto de extensão da área de tradução, sensível à condição de falta de comunicação e interação com as crianças surdas, durante o período de isolamento social causado pela pandemia de COVID-19. Este se deu por meio da criação de materiais intersemióticos e verbocovisuais, que se utilizam de diversas estratégias tradutórias para promover o acesso destas crianças à literatura infantil, cuja experiência discursiva possibilita que elas venham a se tornar sujeitos ativos e responsivos na sociedade em que vivem. Esta pesquisa, assim, confluiu para um olhar atento, em relação à dimensão vital do dialogismo na incorporação constitutiva do discurso de outros, ou de outros discursos, assim como para a questão da alteridade (BRAIT, 1998).

Apontamos que a criação e disponibilização de vídeos de literatura infanto-juvenil em Libras como processos de tradução intersemiótica e verbocovisual nos levam a ressignificar a concepção de tradutores como meros repetidores ou de tradução como cópia, como apregoado por correntes linguísticas da área de tradução (BASSNET, 2010; PYM, 2013). Nesta situação vivida, o discurso verbocovisual apresenta dimensões enunciativo-discursivas reveladoras de autoria, de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, bem como convocam a exposição pessoal e subjetiva de cada sujeito tradutor, como indica Brait (2013).

Por fim, queremos destacar que, no âmbito das práticas discursivo ideológicas em Libras, este projeto revela a força motriz de uma prática sensível às condições sociais e emergenciais desse período de pandemia (ano de 2020) e corrobora a percepção de que a tradução, na

---

<sup>8</sup> Na filosofia da linguagem, o cronotopo refere-se a como as configurações de tempo e espaço são representadas na linguagem e no discurso considerando que essas características de tempo-espaço são indissociáveis tanto na arte (literatura) quanto nos discursos em geral. Assim, os discursos reportam, refratam e se constituem de outros discursos vividos em tempos e espaços singulares.

verdade, transcende o produto em si e pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas, indo além dos interlocutores idealizados.

Esperamos, assim, a partir das considerações até aqui levantadas, que nossos interlocutores possam ampliar sua potência de existir como tradutores e agentes de transformação social.

### Agradecimentos

Agradecemos à Vanessa Martins (UFSCar) por nos autorizar o estudo do projeto “Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" – COVID-19” por ela coordenado. Agradecemos também aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho. Os erros remanescentes são de nossa responsabilidade.

### Referências

ALBRES, Neiva Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres; DE LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Interações em redes sociais e as representações sobre a liderança da comunidade surda em textos verbo-visuais. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 201-209, 2015. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.132.06>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1986].

BASSNETT, Susan. **Estudos da tradução: fundamentos de uma disciplina**. Tradução de Viviana de Campos. Figueiredo/Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BRAIT, Beth. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trabalho Educação e Saúde**, v. 2, n. 1, p.15-32, 2004. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1981-77462004000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-77462004000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 05 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Mikhail Bakhtin: movimentos de reconstituição da história de um pensamento.

**Revista USP**, São Paulo, n. 39, p. 158-173, set./nov. 1998. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/35080/37819/41223>. Acesso em: 05 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 28 maio 2020.

GERALDI, João Wanderley. Alteridades: espaços e tempos de instabilidade. In: \_\_\_\_\_. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GRILLO, Sheila V. de C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 235-246, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912/63021>. Acesso em: 08 ago. 2020.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

LINS, Heloísa de Matos; SOUZA, Regina Maria; NASCIMENTO, L.C.R. (Org.). **Plano Nacional de Educação e as Políticas Locais para a Implantação da Educação Bilíngue para Surdos**. 1. ed. Campinas: UNICAMP: FE, 2016. v. 1. 197p. Disponível em: [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/atividades\\_inclusao/educacao\\_bilingue\\_para\\_surdos\\_unicamp\\_2016.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/atividades_inclusao/educacao_bilingue_para_surdos_unicamp_2016.pdf). Acesso em: 16 jul. 2019.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010, p. 33-49. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/469>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.

PAVANELLI-ZUBLER, Éliidi P.; MOREIRA-LEITE, Joana Rodrigues; MASO, Luci Terezinha Kroetz Fernandes. O dialogismo na era digital. **Paidéia**, v. 11, n. 16, 2014.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no youtube: consumindo cultura. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

PINO, Angel. O biológico e o cultural nos processos cognitivos. In: MORTIMER, E. F.; SMOLKA, A. L. B. (Orgs.). **Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino e a sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001. p. 21-62.

PYM, Anthony. **Teorias contemporâneas da tradução. Uma abordagem pedagógica.** Tradução de Ana Maria Chaves, Eduarda Keating, Fernando Ferreira Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 44-60, 19 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ROJO, Roxane. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. **Trab. linguista. apl.**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 63-78, junho de 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132007000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 mar. 2021.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão Social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Silvana Aguiar dos; FRANCISCO, Camila. Políticas de tradução: um tema de políticas linguísticas? **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 2.939-2.949, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n1p2939>. Acesso em: 24 maio 2019.

SANTOS, Silvana Aguiar; POLTRONIERI-GESSNER, dos Aline Vanessa. O papel da tradução e da interpretação para grupos vulneráveis no acesso à justiça. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 69-84, 2019. Disponível em: <http://revista.defensoria.df.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/15/12>. Acesso em: 24 maio 2019.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; **Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar.** 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176676>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais.** 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94582/283099.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SILVEIRA, Carolina Hessel. Uma análise de comunidade do Orkut: diferentes representações de cultura surda e surdez. In: LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Elí Henn. **Aprendizagem e inclusão: implicações curriculares.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010. p. 119-247.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017. 373p.